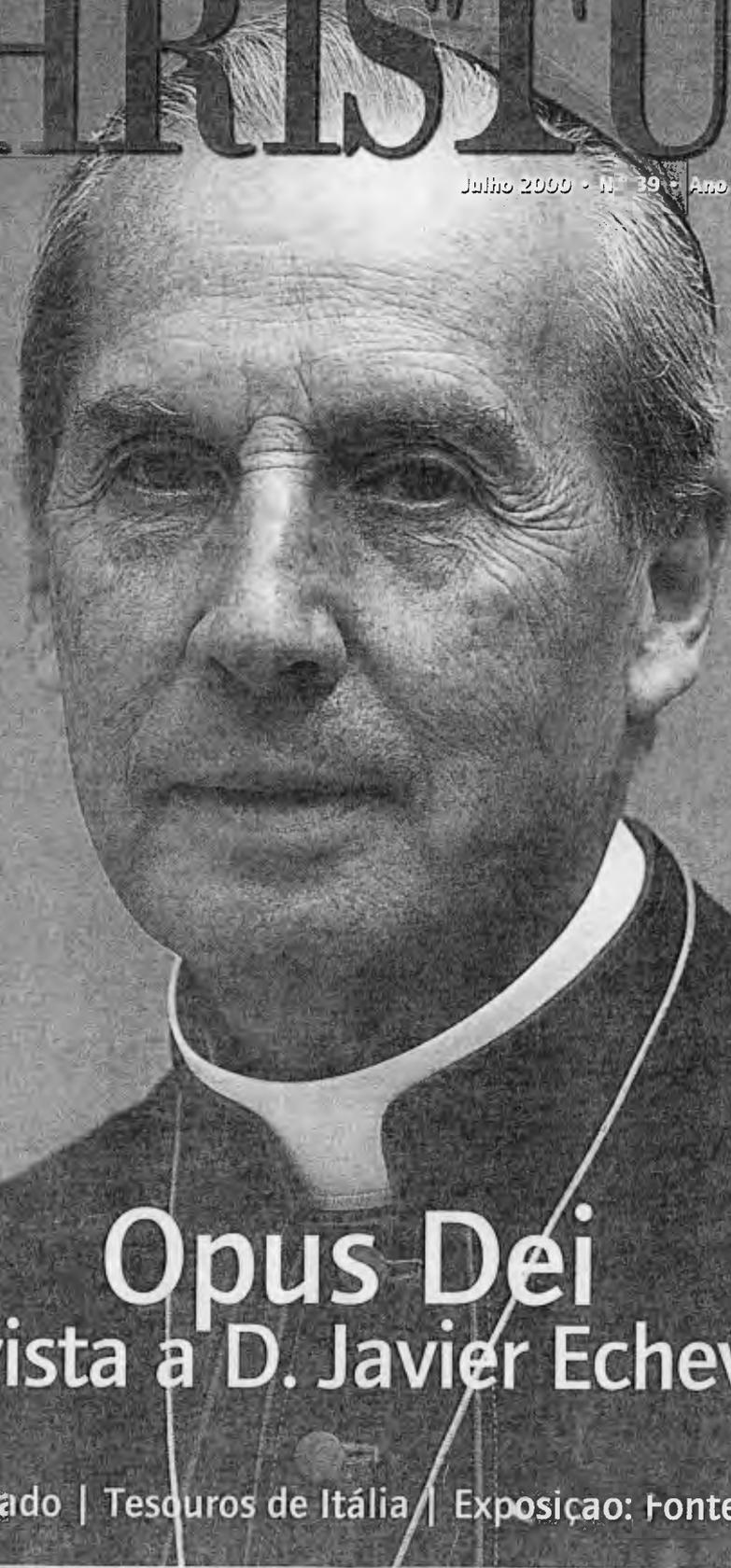


REVISTA DE ACTUALIDADE CATÓLICA

CHRISTUS[®]

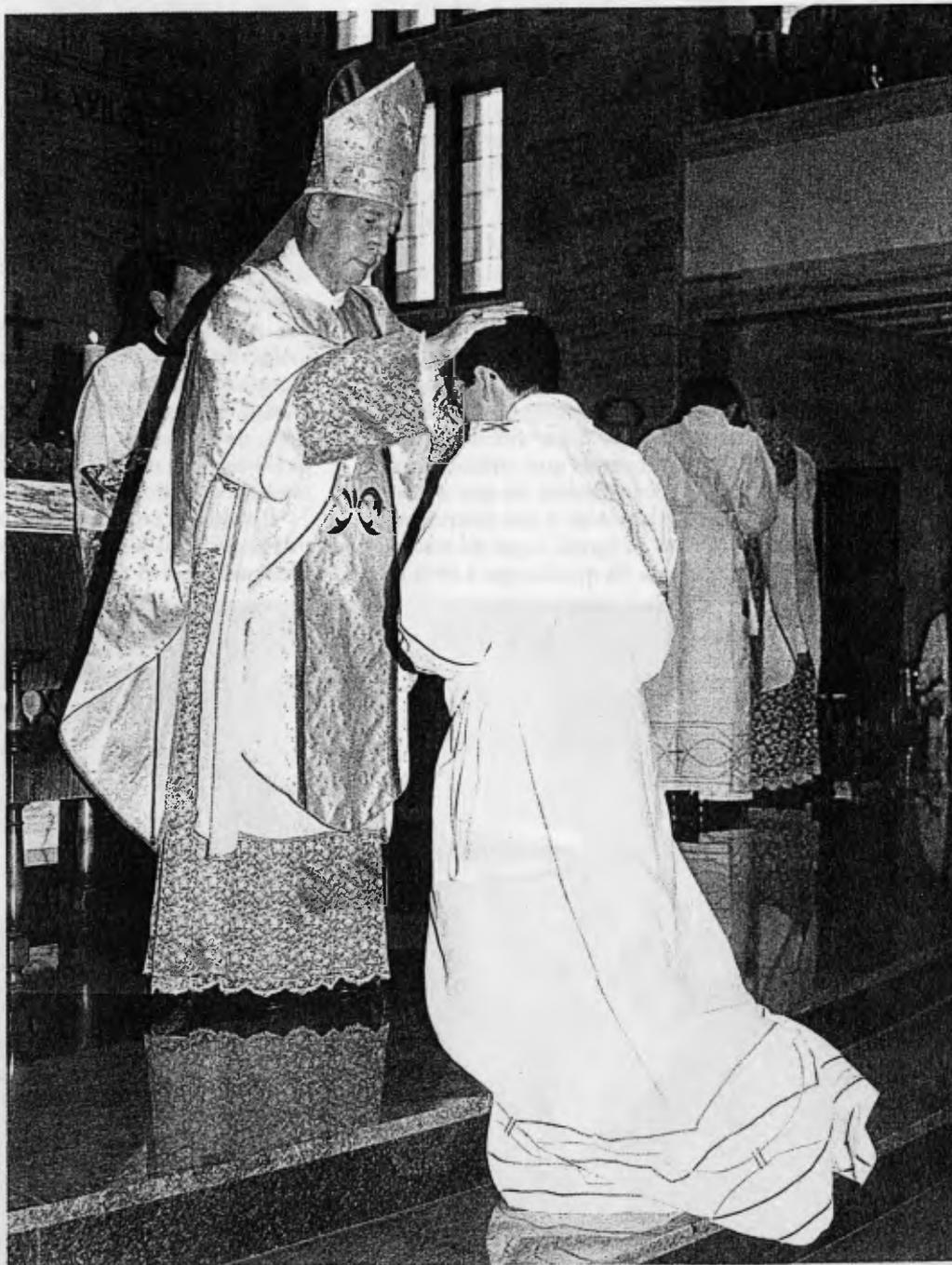
Julho 2000 • N.º 39 • Ano 4 • Mensal • 350\$



Opus Dei Entrevista a D. Javier Echevarría

3º Segredo revelado | Tesouros de Itália | Exposição: Fonte de Esperança

Opus Dei à lupa



Alguém comentava, sobre o poder do Opus Dei na Igreja, sobretudo no Vaticano, com um facto curioso. "A verdade é que a antiga escrava, Josefina Bakhita, que foi beatificada no mesmo dia que o beato Escrivá, já tem concluído o processo e a data marcada para a sua canonização, enquanto ele ainda espera que, por sua intercessão, o Senhor realize um milagre na vida de alguém. Quem marca o ritmo da Igreja não é o dinheiro ou o poder, mas Jesus Cristo".

À primeira vista, pelo menos para quem conhece os corredores do poder no Vaticano, esta pode ser uma opinião ingénua ou até politicamente correcta, mas, essencialmente corresponde à verdade. Há tanta competição no Vaticano, o mundo já deu tantas voltas, a sensibilidade da Igreja muda tanto, que seria impossível que o Opus Dei se mantivesse por uma estrita lógica de poder ou influência, e não por vontade de Cristo.

Agora, para entender a "obra", como os seus membros a tratam, é de facto necessário ter uma chave de leitura. E essa chave chama-se Josemaría Escrivá, o fundador. Tudo anda à volta do seu projecto, da sua visão. É omnipresente em tudo, até na linguagem e nos temas que o seu sucessor, o bispo Javier Echevarría, utiliza,

em conversa ou nas entrevistas.

No entanto, esta característica, que talvez seja o sinal do seu sucesso neste mundo sem referências, também não tem impedido o "aggiornamento" do Opus Dei e a sua adaptação à Igreja deste fim de milénio. Mas para o exterior, sempre na linha da missão que receberam na fundação, que é o seu carisma, e várias vezes confirmada por João Paulo II, a imagem que dão é a de um grupo unido que não se desvia um milímetro das metas, e dos métodos a que se propuseram.

D. Javier é um homem afável, simpático, aberto, mesmo para quem, como eu, não tem qualquer ligação ao Opus Dei. No diálogo brotam, com naturalidade, palavras de incentivo, de esperança, e de muito amor à Igreja. E em vez de resignação, para com os que criticam a prelatura, a consciência de que a diversidade é um dom e um instrumento de Cristo na Igreja, a par da tradicional certeza da missão que a obra tem

na Igreja.

Durante vários anos, conviveu de perto com um beato: o Beato Josemaría Escrivá. Certamente que essa constituiu uma experiência humana única, e um grande desafio espiritual pessoal.

Como é que é conviver-se com um santo, na vida do dia-a-dia? Que reflexos tem na vida das pessoas? Como é que os próximos do Beato Josemaría se apercebiam da sua santidade?

Na vida do Beato Josemaría a sua união com Deus, cheia de naturalidade, advertia-se em mil pormenores. Manifestava-se, por exemplo, na devoção com que dobrava o joelho diante do Senhor presente no sacrário. E também se notava no seu sorriso, no seu trabalho feito com ordem, na sua constante preocupação pelos outros, no seu olhar amável, também quando estava cansado.

Conviver com um santo é um privilégio, uma escola e também um contínuo motivo de contentamento,





porque, com o seu esforço generoso por exercitar todas as virtudes cristãs, cria em seu redor um ambiente de alegria, de oração, de serenidade.

Que características o distinguem das outras pessoas? Qual o seu legado à sociedade contemporânea?

“Os santos têm sempre ‘alguma coisa’ de genuíno - humana e sobrenaturalmente - que é precisamente o que atrai. Passam a vida não a adaptar-se ao mundo que os rodeia, mas tentando aproximar o mundo de Deus, e para isso procuram identificar-se com Jesus Cristo. Nesse sentido pode dizer-se que são profundamente livres, inclassificáveis. Os santos foram também muitas vezes “sinal de contradição” para aqueles que não aceitam verdades radicais.

O Beato Josemaría foi também assim. Era normalíssimo, cordial, simpático. Fugia de tudo quanto fosse extravagante. Tinha, além disso, um profundo amor à liberdade, que

nascia do seu amor apaixonado a Deus Nosso Senhor: essa era uma das características que o distinguíam. Estava convencido de que quem ama é verdadeiramente livre.

Considero que a sua principal

herança são os milhares de pessoas que se aproximaram de Deus graças ao seu trabalho sacerdotal, que descobriram que se pode encontrar o Senhor no trabalho e no cumprimento dos deveres quotidianos do

D. Javier Echevarría

O actual prelado do Opus Dei nasceu em Madrid no dia 14 de Junho de 1932.

Doutorou-se em Direito Civil e em Direito Canónico. Pertence ao Opus Dei desde 1948. Foi ordenado sacerdote no dia 7 de Agosto de 1955. Colaborou estreitamente com o beato Josemaría Escrivá de quem foi secretário desde 1953 até à sua morte em 1975. Foi membro do Conselho Geral do Opus Dei desde 1966.

Em 1975, quando Álvaro del Portillo sucedeu ao beato Josemaría à frente do Opus Dei, foi nomeado secretário geral, cargo que até então Álvaro del Portillo tinha desempenhado. Em 1982, com a erecção do Opus Dei em prelatura pessoal, passou a ser vigário geral da prelatura.

Desde 1981 é consultor da Congregação para as Causas dos Santos e, desde 1995, da Congregação para o Clero.

Depois da sua eleição e nomeação por João Paulo II como prelado do Opus Dei, no dia 20 de Abril de 1994, o Papa ordenou-o bispo, a 6 de Janeiro de 1995 na basílica de S. Pedro.



cristão. Gosto de pensar que o legado do Beato Josemaría é como uma semente lançada para dar fruto em todos os tempos e em todos os lugares, dentro dessa grande sementeira que é a vida da Igreja”.

Beatificação de Josemaría

O processo de beatificação do Beato Josemaría, pela sua celeridade, abriu um novo capítulo na história da Congregação para as Causas dos Santos. Foi o poder e a influência que são atribuídos ao Opus Dei, dentro da Igreja e junto do Papa, que determinaram o ritmo do processo, ou foi, a exemplo de S. António de Lisboa, a veneração e a

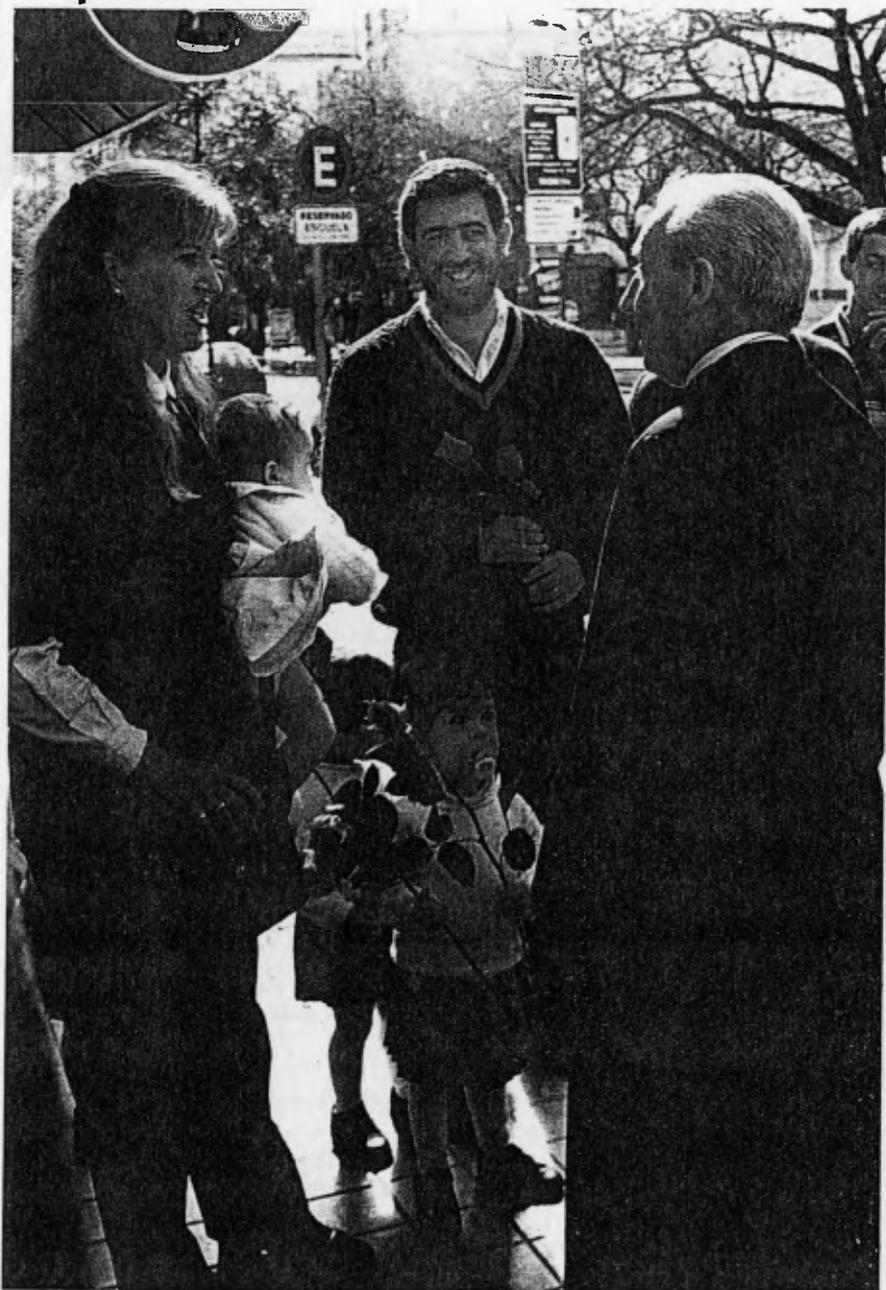
fama popular que impulsionaram a declaração das suas virtudes e a sua beatificação?

“Gostaria de esclarecer que, na história da Igreja - e é lógico que seja assim -, há poucos casos em que a santidade dos servos de Deus foi declarada poucos anos depois da sua morte. Durante o Concílio Vaticano II, os Padres conciliares afirmaram que era necessário apresentar, aos cristãos, figuras contemporâneas como modelos de união com Deus. Encheu-me de alegria, por exemplo, ver proclamadas as virtudes heróicas da Madre Maravillas do Padre Allegra num breve intervalo de tempo após terem sido chamados pelo Senhor. Poderia mencionar outros nomes. Ao citar estes e outros exemplos, não tenho qualquer dúvida de

que estes processos foram um grande dom de Deus para a Igreja.

Quanto ao processo de beatificação do fundador do Opus Dei, não pode ser explicado por um alegado poder do Opus Dei, que não existe; nem exclusivamente pela devoção popular, que claramente existe, mas que a Igreja, tanto neste como em todos os casos, avalia com cautela. Como é sabido, a Santa Sé, antes de declarar alguém como beato ou santo, comprova a fundo, antes de mais, que essa pessoa tem fama de santidade, examina, além disso, com rigor, se viveu heroicamente as virtudes cristãs, e, finalmente, espera o apoio de Deus a essa declaração, através de um milagre que confirme a santidade de vida do interessado.

Volto, enfim, a dizer que teve in-



fluência o sentir do Concílio Vaticano II, que foi concretizado primeiro pelo Papa Paulo VI e, desde 1983, por João Paulo II, e que simplificou as normas de procedimento das causas dos santos. A nova legislação permitiu que todas as causas se possam instruir muito mais brevemente do que antes”.

Tal como sucede com João Paulo II, o Beato Josemaría tinha uma profunda sensibilidade mariana e uma devoção especial a Fátima. Fala-se de um encontro com a Irmã Lúcia, e que terá sido o primeiro beato a vir a Fátima como peregrino...

“O Beato Josemaría conheceu a

Irmã Lúcia em 1945, quando ela vivia em Tuy. O fundador do Opus Dei tinha ido a essa cidade para visitar o Bispo, seu amigo, e este apresentou-o à Irmã Lúcia, que, por sua vez, o alentou a cruzar a fronteira e ir em peregrinação a Fátima. Foi ela, até, que interveio pessoalmente para solucionar o problema dos vistos de entrada no país. Os planos do Beato Josemaría eram diferentes, mas acedeu a essa proposta da Irmã Lúcia: em suma, pode dizer-se que ela foi a ‘responsável directa’ da primeira viagem do Beato Josemaría a Portugal.

Mons. Escrivá ficou muito como-

vido, já naquela primeira visita a este lugar privilegiado, com a devoção dos portugueses a Nossa Senhora. Voltou a Portugal noutras ocasiões, e aproveitou sempre para ir rezar à Capelinha: com certa frequência ficava muito tempo na esplanada do Santuário, ao lado da Capelinha; ia até lá para se refugiar junto da Nossa Mãe. Nisto, o Beato Josemaría queria ser muito português.

Como sabe, com os pastorinhos é a primeira vez que crianças são beatificadas na categoria de confessores. E da idade da Jacinta e do Francisco é até novidade, por serem as primeiras crianças não mártires a serem beatificadas. Isso levantou, ao longo do processo, dúvidas sobre se seria legítimo defender a ideia de que, naquelas idades, as crianças já poderiam praticar as virtudes cristãs em grau heróico”.

A importância de beatificar

Qual é a sua leitura?

“Foi muito grande a minha alegria pela beatificação dos pastorinhos. Em determinados ambientes - não sei porquê - desvaloriza-se a importância das crianças e o grau de maturidade humana e de união com Deus que podem alcançar. Se trouxermos à memória o Evangelho, recordaremos muitas lições de Nosso Senhor sobre as crianças: são predilectas de Deus, exemplo de simplicidade. Além disso, nós, os adultos, temos a grave responsabilidade de não lhes causar escândalo; devemos, pelo contrário, ajudá-las a percorrer o caminho do bem.

Nessa tarefa de ensinar as crianças a cultivar as virtudes - que, repito, se podem viver na infância: quantos casos conheci! -, é muito importante oferecer-lhes modelos próximos, parecidos com elas pelas suas circunstâncias e pela sua mentalidade, como Francisco e Jacinta.

Mas também para os adultos podem ser modelo: meditemos o convite do Evangelho, saibamos tornarmos-nos como crianças. Este convite encerra um processo de amadurecimento que nos leva a recuperar a simplicidade, a inocência; e a rejeitar o mal, o pecado. Só com um coração assim, purificado, se consegue falar

Resumo histórico do Opus Dei

- 1928. 2 de Outubro: Josemaría Escrivá de Balaguer decidiu fundar o Opus Dei, durante um retiro, na casa central dos Padres de S. Vicente de Paulo, em Madrid. A designação "Opus Dei" é um pouco posterior: só começou a utilizá-la no início dos anos 30.
- 1930. 14 de Fevereiro: Em Madrid, enquanto celebra missa, compreende que a mensagem do Opus Dei é dirigida também às mulheres.
- 1933. Abre-se na rua de Luchana o primeiro centro do Opus Dei, a Academia DYA, dirigida especialmente a estudantes, onde se dão aulas de Direito e Arquitectura.
- 1934. DYA muda-se para a Rua de Ferraz e converte-se em residência universitária. A partir daí, Escrivá e os primeiros membros proporcionam formação cristã e difundem a mensagem do Opus Dei entre os jovens.
- 1936. Guerra civil de Espanha: desencadeia-se uma perseguição religiosa e Josemaría Escrivá vê-se obrigado a refugiar-se em diversos lugares. A interrupção forçada do trabalho apostólico obriga a suspender de momento os projectos do fundador de estender o trabalho apostólico do Opus Dei a Paris e Valência.
- 1937. Josemaría e alguns membros do Opus Dei atravessam os Pirinéus por Andorra e passam para a zona em que a Igreja não é perseguida.
- 1938. Recomeço do trabalho apostólico a partir de Burgos.
- 1939. Josemaría Escrivá regressa a Madrid. Expansão do Opus Dei por outras cidades de Espanha. O começo da Segunda Guerra Mundial impede a expansão noutros países.
- 1941. 19 de Março: O bispo de Madrid, Leopoldo Eijo y Garay, concede a primeira aprovação diocesana do Opus Dei, como Pia União.
- 1943. 14 de Fevereiro: Fundação da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, que permitirá a ordenação de sacerdotes do Opus Dei.
- 1944. 25 de Junho: O bispo de Madrid ordena os primeiros membros do Opus Dei: Álvaro del Portillo, José María Hernández de Garnica e José Luis Múzquiz.
- 1946. O fundador do Opus Dei muda-se para Roma.
- 1947. 24 de Fevereiro: A Santa Sé promulga o decretum laudis do Opus Dei, ou a primeira aprovação pontifícia, erigindo o Opus Dei em instituto secular.
- 1948. 29 de Junho: Ereção do Colégio Romano da Santa Cruz.
- 1950. 16 de Junho: Pio XII concede a aprovação definitiva do Opus Dei. Esta aprovação permite que sejam admitidas no Opus Dei pessoas casadas e que adiram à Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz sacerdotes diocesanos.
- 1952. Criação em Pamplona (Espanha) do Estudo Geral de Navarra que depois se converterá na Universidade de Navarra.
- 1953. 12 de Dezembro: Ereção do Colégio Romano de Santa Maria, um centro internacional com sede em Roma, destinado à formação de mulheres do Opus Dei de todo o mundo.
- 1957. A Santa Sé confia ao Opus Dei a prelatura de Yauyos, no Peru.
- 1965. 21 de Novembro: Paulo VI inaugura o Centro ELIS, iniciativa destinada à formação profissional de jovens, situado num bairro periférico de Roma, com uma paróquia anexa confiada ao Opus Dei pela Santa Sé.
- 1969. Congresso Geral extraordinário do Opus Dei em Roma, com o objectivo de estudar a sua transformação em prelatura pessoal, figura jurídica prevista pelo Concílio Vaticano II e que aparecia como adequada ao fenómeno pastoral do Opus Dei.
- 1970. O fundador do Opus Dei viaja ao México. Novena de oração a Nossa Senhora de Guadalupe. Encontros multitudinários, que se convertem num meio de catequese cristã.
- 1972. O fundador do Opus Dei percorre Espanha e Portugal numa viagem de catequese de dois meses de duração.
- 1974. Viagem de catequese do fundador do Opus Dei à América do Sul.
- 1975. Viagem de catequese do fundador do Opus Dei à Venezuela e Guatemala.
- 26 de Junho: falece em Roma Josemaría Escrivá. Nessa altura pertencem ao Opus Dei cerca de 60 000 pessoas.
- 7 de Julho: inauguração do Santuário de Torreciudad (Huesca, Espanha).
- 15 de Setembro: Álvaro del Portillo é eleito para suceder ao fundador do Opus Dei, no Congresso convocado para esse fim, de acordo com os Estatutos.
- 1982. 28 de Novembro: João Paulo II erige o Opus Dei em prelatura pessoal e nomeia prelado Álvaro del Portillo.
- 1983. Viagem de catequese do prelado do Opus Dei à América do Norte.
- 1985. Inaugura-se o Ateneu Pontifício da Santa Cruz, centro universitário de estudos eclesiológicos com sede em Roma.
- 1987. Viagem de catequese do prelado do Opus Dei ao Extremo Oriente e Oceania.
- 1989. Viagem de catequese do prelado do Opus Dei a diversos países de África.
- 1991. João Paulo II ordena bispo o prelado do Opus Dei.
- 1992. 17 de Maio: Beatificação de Josemaría Escrivá na praça de S. Pedro (Roma).
- 1994. 23 de Março: falece em Roma Álvaro del Portillo, poucas horas depois do seu regresso de uma viagem à Terra Santa.
- 20 de Abril: Javier Echevarría é nomeado por João Paulo II prelado do Opus Dei, confirmando a eleição realizada no Congresso Geral electivo celebrado em Roma.
- 1995. O novo prelado do Opus Dei é ordenado bispo por João Paulo II.



com Deus e escutá-lo, como nessas conversas encantadoras dos pastorinhos com a Nossa Mãe Santa Maria”.

O Prefeito da Congregação da Causa dos Santos, defendeu a ideia de que cada beatificação tem a sua originalidade. Comparando, qual é a originalidade do Beato Josemaría e qual a dos pastorinhos?

“Preferia, antes, destacar o que têm em comum: o desejo incondicional de cumprir a vontade de Deus. Aos pastorinhos foi-lhes manifestada de modo extraordinário, mediante as aparições da Virgem. O Beato Josemaría compreendeu a vontade de Deus através de luzes inesperadas, ou de iluminações nos seus tempos de oração, depois de muito pedir. Deus indica a cada um o seu caminho. Mas é impressionante verificar como a santidade con-

siste sempre em pôr a própria vida, toda inteira, ao serviço da chamada de Deus, da vocação recebida. Além disso, ao fim e ao cabo, as almas de todos os santos têm a transparência da alma de uma criança. Recordo que, na véspera das suas bodas de ouro sacerdotais, o Beato Josemaría dizia que se sentia diante de Deus como um menino que balbucia”.

Reflexo pastoral

Que repercussão pode ter a beatificação dos pastorinhos, e a própria realidade Fátima, na Igreja de hoje? Que reflexos poderá ter a nível da pastoral da família? E da catequese?

“Considero esta beatificação como um passo muito importante, por muitos motivos. Penso que

encerra um sentido muito profundo, porque se encontra relacionada com uma intervenção de Deus na história dos homens, precisamente através dos pequenos e dos humildes.

Além disso, a santidade das crianças põe muitas vezes de manifesto o ambiente cristão do lar em que nasceram. Vejo também esta beatificação, portanto, como estímulo valiosíssimo para tantos pais e mães de família que se esforçam por transmitir aos filhos, com naturalidade, o melhor que têm nas suas almas, a fé, através de práticas de piedade vividas em família. Por isso, a declaração do Papa de que o Francisco e a Jacinta se podem contar entre os beatos do céu serve - entre outras muitas coisas - como recordatório da importância da família para a Igreja. As famílias preparam as al-

mas das crianças para receber a graça de Deus durante toda a vida.

É como se escutasse o eco das palavras do Beato Josemaría, que repetiu com frequência: abenço com as minhas duas mãos de sacerdote o amor humano, santo, dos cônjuges.

Durante algum tempo, especulou-se sobre a oportunidade da Igreja declarar um novo dogma mariano: o de Nossa Senhora corredentora. Havia, e há, teólogos que defendem a importância deste novo dogma, e outros, pelo contrário, defendem não ser necessária nenhuma declaração formal por parte da Igreja.

Que posição toma?

“É uma questão que tem a ver com o aprofundamento da fé. Entendido correctamente, o conceito de “Corredentora” é, sem dúvida, aplicável à Santíssima Virgem, mas declará-lo dogma, ou não, compete somente ao Papa ou a um Concílio ecuménico”.

Sobre o pontificado de João Paulo II, quais são, em traços gerais, as suas linhas fundamentais e que marcas vai deixar no interior da Igreja? E no diálogo ecuménico? E na relação da Igreja com a(s) sociedade(s)?

“Desde o primeiro instante, o programa do pontificado de João Paulo II girou em torno do ideal de abrir as portas do mundo a Cristo: ‘Não tenhais medo!’, gritou o Papa logo nos primeiros dias do seu ministério. E nestes anos, por suas mãos, a Igreja aprofundou, sem complexos, nas promissoras perspectivas abertas pelo Concílio Vaticano II, para que Cristo esteja efectivamente presente em todas as realidades da vida dos homens.

Este é um empreendimento de grande alcance que deve comprometer todos os cristãos, e nenhum daqueles que nos sabemos filhos de Deus se pode considerar à margem. Neste pontificado, graças a Deus, os católicos sentiram-se, e sentem-se, convocados pelo chamamento constante do Papa a uma nova evangelização, a essa abertura a Cristo dos corações humanos e das estruturas sociais. Temos de rezar para que, neste empenho comum por iluminar o mundo com a luz de Cristo, percorramos o caminho em direcção à plena unidade de todos os cristãos. Nos últimos anos houve sinais muito alentados,



dores, que intensificam a esperança.

Ficou conhecido o documento de reflexão ‘Nós somos Igreja’, com largos milhares de assinaturas, sobretudo de católicos de países do norte da Europa. Um dos temas centrais é o do papel da mulher na Igreja”.

Mulher sacerdotiza

Que leitura faz deste papel e que perspectivas para o futuro?

“É compreensível que a algumas pessoas seja difícil entender que o sacerdócio católico esteja reservado somente aos homens; mas, francamente, penso que a questão do papel da mulher na vida da Igreja é muito mais rica e mais ampla. Parece-me muito empobrecedor reduzir o discurso sobre a função da mulher na Igreja ao tema do sacerdócio ministerial, que, além disso, já está definitivamente esclarecido pelo Magistério da Igreja.

A contribuição da mulher para a vida eclesial, na minha opinião, tem um enorme interesse. Será um dos aspectos que, no futuro, veremos desenvolver-se com maior força, não através das reivindicações hipercríticas, mas sobretudo mediante a experiência de vida das mulheres cristãs.

A Igreja necessita urgentemente de mulheres que vivam coerentemente a sua fé em todas as circunstâncias, que promovam iniciativas originais de evangelização, que imprimam o seu ponto de vista a muitas questões, que sejam valentes testemunhas de Jesus Cristo. Não tenho dúvidas de que, nos próximos anos, estaremos em condições de testemunhar acerca de uma verdadeira mobilização pacífica de mulheres cristãs, de um esforço de santidade e de apostolado, de estudo e de preparação doutrinal, que dará como fruto um enriquecimento da Igreja no seu conjunto”. ♦